

DOCÊNCIAS MULTIESPÉCIES EM COMPOSIÇÕES COM UM CURRÍCULO-PLANTA¹

MULTISPECIES TEACHINGS IN COMPOSITIONS WITH A PLANT-CURRICULUM

Natalia Francisca Pereira Franco
PPGEEC-UEA
Caroline Barroncas de Oliveira
UEA
Mônica de Oliveira Costa
UEA

Resumo

Este texto aborda a autoconstituição de professoras que ensinam ciências a partir de uma perspectiva pós-crítica e de uma ética multiespécie, em imersão com a floresta amazônica e em diálogo com seres vegetais. Por meio de uma escrita narrativa, autobiográfica e artística, propõe-se a invenção de um currículo-planta como gesto de criação e reexistência em tempos de colapso ecológico e epistêmico. A proposta tensiona a centralidade do humano em epistemes de estar no mundo, convocando um currículo vivo, rizomático e afetivo, capaz de abrir-se ao sensível e ao comum entre espécies. Inspirado por Deleuze, Coccia e Clarice Lispector, o texto experimenta modos de ensinar e existir que desestabilizam fronteiras entre natureza e cultura, arte e ciência, humano e não-humano. O currículo-planta emerge, assim, como prática de respiração e reexistência, cultivando mundos possíveis diante das catástrofes contemporâneas.

Palavras-chave:

Currículo; narrativa autobiográfica; criação; vida.

Abstract

This text addresses the self-constitution of women science teachers from a post-critical perspective and a multispecies ethic, in immersion with the Amazon rainforest and in dialogue with plant beings. Through narrative, autobiographical, and artistic writing, it proposes the invention of a plant-curriculum as an act of creation and re-existence in times of ecological and epistemic collapse. The proposal challenges the centrality of the human in ways of being in the world, calling forth a living, rhizomatic, and affective curriculum capable of opening itself to the sensitive and the common among species. Inspired by Deleuze, Coccia, and Clarice Lispector, the text explores ways of teaching and existing that destabilize the boundaries between nature and culture, art and science, human and non-human. The plant-curriculum thus emerges as a practice of breathing and re-existence, cultivating possible worlds amid contemporary catastrophes.

Keywords:

Curriculum; autobiographical narrative; creation; life.

INTRODUÇÃO

É que há duas maneiras de ler um livro. Podemos considerá-lo como uma caixa que remete a um dentro, e então vamos buscar seu significado [...] E comentaremos, interpretaremos, pediremos explicações. Ou [...] como uma pequena máquina a-significante; o único problema é: [...] Como isso funciona para você? Se não funciona, se nada se passa, pegue outro livro. Essa outra leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar

Gilles Deleuze, *Conversações* (2008).

Não sei o que escrever, não sou especialista em botânica.¹ Apenas os especialistas podem falar do universo vegetal? O que eu poderia dizer sobre um ser que ficou muito tempo à margem na minha vida? Ou não, elas sempre estiveram lá, quando saí da maternidade, quando prestei o vestibular, ouvindo músicas no ônibus a caminho da universidade? Estão comigo por toda parte? Por que nunca senti sua seiva fluir em mim?

Em uma imersão na floresta amazônica, no coletivo Arte & Escola na Floresta, encontrei um livro pequeno, mas que me chamou atenção - do autor Stefano Mancuso - *A incrível viagem das plantas* (2021). Fiquei pensando, o que será que tem de tão fenomenal na vida desses seres que somos levados a ignorar? Ele vai embarcar no mundo delas ou está dizendo que elas realmente viajam?

Pensei que seria mais um livro como os do ensino médio, sobre ciclo das plantas, sua reprodução, fotossíntese, no entanto, deparei-me com algo absurdo: as plantas se movimentam. Um espanto gigante, nunca havia imaginado isso. Sempre fui ensinada que as plantas não se movem e pronto, nunca havia parado para pensar que elas têm possibilidade de movimento.

Além da surpresa da descoberta, o que mais me chamou atenção no livro foi a forma com que ele narra sua admiração pelo reino vegetal, com intensidade e volúpia. Encontrei-me com

Mancuso na mata e ele me levou a uma trilha sedutora a partir da sua própria voz.

Falar em nome próprio como diz Deleuze (2008), é um exercício de despersonalização, de estar à beira da loucura, já que ainda me mantenho enjaulada na ideia de que: "Você não vai se atrever a falar em seu nome enquanto não tiver lido isto e aquilo, e aquilo sobre isto, e isto sobre aquilo" (Deleuze, 2008, p. 14). Falar em primeira pessoa, falar de mim, falar por mim. Como? Ainda sou muito comportada. Ainda gosto da firulagem acadêmica, me falta muito para uma *popfilosofia* de vida. Aqui me proponho não a falar, mas a sentir, me despersonalizar, me perder. Mesmo cheia de aparatos universitários, me arrisco a encarar a leitura, a escrita, a vida como um toque, como um "fluxo, não como um código" (Deleuze, 2008, p. 15).

Como Deleuze, quando tive encontro com Nietzsche, queria me fundir a ele, nos seus escritos, sentir seu sangue, mas achava-me (*acho-me ainda*) incapacitada de saborear o líquido que flui de suas palavras. Ele nos provoca a essa conjuração de invocar poderes que misturam fluidos da mais profunda gota da nossa bile para que falemos em nome próprio, fazendo surgir algo demoníaco, num desejo de desvinculação de um eu, que nos leva a sentir um "gosto para cada um de dizer coisas simples em nome próprio, de falar por afetos, intensidades, experiências, experimentações" (Deleuze, 2008, p. 15). Então, falar por mim também é fazer uma sodomia com outros. É um ato de amor e não de submissão, de deixar-se multiplicar e se singularizar.

Sinto e digo por afetos, intensidades, com os bichos, nuvens, autores, personagens, livros, pessoas, lugares, plantas e tantos outros (as/es) que deslizam por meus poros. Multiplico-me e produzo junto a eles, ao mesmo tempo que se proliferam em mim. Eu, *autobiográfica*? Professora que ensina ciências? É difícil sair da toca que me meteram, quando digo eu nessas linhas, no instante que uso a primeira pessoa, a *voz própria*, congelo, algo me paralisa os dedos.

Portanto, tomo como "personagem conceitual" (Deleuze; Guattari, 2010) o mundo vegetal.

Quem sabe, talvez, eu mesma? Não no sentido transcendente de um “eu”. Pouco interessa ser o *idiota* pelo qual Descartes opera para uma verdade. A atração para escapar da existência não nos alimenta, anseio por mais, por uma filosofia intensa, crua, viva. Desse modo, embarco pelo plano de imanência, pretendo habitá-lo com personagens alegres, conversar-pensar-sentir com um currículo-planta, pela seiva.

Será que é loucura conversar com os vegetais? Afinal, o que podemos confluir com as plantas? O que elas têm a nos dizer? Como pensar um currículo a partir da experiência vegetal? Já que “não pensamos sem nos tornarmos outra coisa, algo que não pensa, um bicho, um vegetal, uma molécula, uma partícula, que retornam sobre o pensamento e o re lançam” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 18).

Desse modo, como Sarah Nelson, protagonista do livro *Claros sinais de loucura* (Harrington, 2014), afirma que ninguém conheceu alguém como ela, exceto que conheçam alguém que tenha uma planta como melhor amiga e que esteja procurando traços de loucura em si mesma, atrevo-me a falar com um currículo-planta, fazer dele meu melhor amigo, escutá-lo, e sobretudo, sentir suas ramificações que exploram todos os cantos.

Germina assim então a seguinte questão: de que modos nos constituímos professoras que ensinam ciências em conversas com um currículo-planta? Que docências vivas produzimos a partir da vegetalização do ensino multiespécies? O que podem as criações de mundos-educações outros com a artistagem-vegetal?

O QUE PODE UM CURRÍCULO-PLANTA

Na maioria dos dias, quando rego Planta, tenho uma nova palavra-problema para contar a ela.

Karen Harrington, *Claros sinais de loucura* (2014)

Currículo... parece uma palavra-problema para a escola e o campo educacional como um todo. Vive-se sob sua sombra pois ele é o “coração da escola” (Paraíso, 2023, p. 7). Seguimos suas

normas. O currículo *oficial* define o que é ensinado e aprendido. Muitas são as diversas teorias em seu entorno, com conteúdos diversos vezes desmembrados e vazios de sentidos. Fábrica de subjetividades à procura dos melhores resultados de provas externas.

Diversas são suas dimensões - do oficial, vazio, ao menor (Paraíso, 2023). Diante disso, parece compreensível o fato de o currículo parecer uma palavra-problema, quão grandes são suas camadas, sua vontade de padronizar gentes, talvez de paralisar a vida. Quem o pode habitar?

A *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) define as habilidades que se deve alcançar, competências e determina os conteúdos a serem ensinados. Seus maiores recursos são controlar o tempo, o movimento para garantir as melhores notas. Mas quem consegue durar mais sentado em uma cadeira? A eficiência é o alvo. Professores e estudantes são peças empilhadas, que, empacotadas, deslizam pelos trilhos dessa máquina industrial para chegar a um fim. O caminho pouco importa, o destino é se ajoelhar e servir às exigências do mercado.

Portanto, mais que apenas um elemento educacional, o currículo é um projeto de sociedade (Paraíso, 2023), e atenderá a quem? Qual grupo está asfixiando? É feito para as massas, desconsiderando os sujeitos que o compõem em sua singularidade. É uma máquina de fazedores humanos.

[...] como escolarizar grande quantidade de trabalhadores e seus filhos ao menor custo possível, de forma a não ensinar às massas conhecimentos considerados, pelos grupos que exerciam poder econômico, político e cultural, desnecessários e supérfluos, bem como reduzindo ao máximo o tempo de aprendizagem (Paraíso, 2023, p. 35).

O que ensinar? Apenas para o trabalho? Que parte fica a vida no meio desse território de disputas? Aliás, qual tipo de vida importa? O currículo como o conhecemos, ainda é muito *humanista*, está envolto em uma constante busca pelo progresso, racionalização, controle, e não menos importante: o ser

humano está no seu centro. A natureza submetida a seu favor.

Outros mundos, celestiais, foram criados, a terra é tenebrosa. Os valores que o currículo carrega são fiéis aos “ideais ascéticos” (Nietzsche, 2007). Há o desejo de criar para além de si mesmo, mas os vaidosos sacerdotes o querem controlar. A fé é seu instrumento de poder. Uma promessa para as massas de uma vida melhor, e sobretudo, culpabilizar pelo próprio sofrimento para oferecer algum tipo de cura. Se todo currículo carrega e ensina a tomar discursos como verdades (Paraíso, 2023), ele tem desejo de controle? Por sinal, o currículo quer alguma coisa?

Dotado de linguagem, o currículo é falante, mas não sabe o que diz ou o que quer (Corazza, 2004). O currículo é inanimado? Coisas inanimadas falam? O currículo somos nós? Sou eu? Já que quando balbucia é individual e ao mesmo tempo coletivo. Se fala, devemos escutá-lo.

Um currículo enquanto potência de vida e acontecimento, é desta maneira que o encaramos. Reconhecendo que é possível olhar para esse currículo a partir da perspectiva da diferença, por isso, Paraíso (2010, p. 19) diz: “A diferença é o que vem primeiro; é o motor da criação; é a possibilidade de no meio, no espaço-entre, começar a brotar hastes de rizomas. Diz respeito àquilo que está ainda em viés de se formar: de currículos que são “realidades em potencial”, que ainda não foram formados”.

Consideramos relevante pontuar que essa diferença que trazemos aqui não está no campo do seu conceito e definição, “A diferença não tem nada a ver com o diferente” (Silva, 2002, p. 66) não está pautada como algo exclusivo, único, essa diferença trazida aqui está no campo do acontecimento, da multiplicidade, sendo essa “a capacidade que a diferença tem de (se) multiplicar” (Silva, 2002, p. 66), criando assim singularidades. “Trata-se, portanto, numa filosofia da diferença, num “pensamento do exterior”, de tomar a diferença em si mesma, o outro em si mesmo, e não como conceitos, como representações” (Gallo, 2010, p. 10). Buscamos assim olhar para o currículo como

esse espaço onde a diferença pode acontecer, e se multiplicar, estabelecendo conexões, encontros, abrindo-se para as possibilidades de vir a ser.

Em que consiste, afinal, um currículo (ou um pós-curriculo) da diferença? Ora, ele é tudo o que se pode dizer e fazer de um currículo, hoje. Um dizer-fazer, advindo do acúmulo dos estudos de currículo e das práticas curriculares construídas pela história dos educadores. Um fazer-dizer, portanto, que apresenta continuidades em relação aos currículos que o precederam e também descontinuidades; ações e pensamentos reiterados e também disruptivos; manutenção de antigas e também invenção de novas relações com os outros e conosco mesmos (Corazza, 2008, p. 9).

Corazza reconhece que o currículo da diferença é resultado de um acúmulo histórico de estudos, teorizações que fez esse currículo ser o que ele é hoje, mas que apesar disso é possível dizer-fazer ele de outras formas, onde será possível ver manutenções, mas também espaços de rupturas, onde o foco deve estar em não estagná-lo, mas dizer-fazer ele constantemente para que “cada um daqueles currículos ainda inimagináveis e indizíveis, necessários e impossíveis, que nos impelirão, daqui para a frente, a curricularizar cada vez mais perigosamente, e a fornecer outros pensamentos, sonhos, emoções e humanidades diferentes” (Corazza, 2008, p. 10).

Por isso, para discussão sobre o currículo assumimos a perspectiva semeada dentro do entendimento pós-crítico, que Silva (2014, p. 69) apresenta como sendo um movimento que “[...] não apenas tolera, mas privilegia mistura, o hibridismo e mestiçagem - de culturas, de estilos, de modos de vida”.

O currículo pós-crítico se desfaz como projeto totalizante e se refaz como travessia em devir, um campo rizomático de composições entre saberes, corpos, territórios e tempos. Ele se opõe ao currículo como espelho do mundo estático e passa a ser fabulação, não de um futuro utópico, mas de mundos outros que se insinuam nas frestas do presente. Como propõem Paraíso (2010) e Silva (2014), trata-se

de pensar o currículo não como representação, mas como produção: de subjetividades, de sentidos, de modos de existir. Uma prática crítica que não apenas denuncia, mas que também inventa, fabula, em composição multiespécies.

Nessa lógica de invenção, as artes não ocupam lugar auxiliar, mas constituem uma *episteme* sensível que desestabiliza a racionalidade moderna ocidental. Elas nos ensinam a escutar os silêncios da floresta, a seguir as trilhas dos fungos que se comunicam sob os nossos pés, a deixar que as pedras nos contem suas durações. Um currículo que acolhe as artes enquanto modo de pensar-criar se abre àquilo que Vinciane Despret chama de “as fabulações que importam”, pois “fabular não é mentir. Fabular é construir narrativas que fazem existir, que permitem aos mundos emergirem. [...] As fabulações são dispositivos políticos e sensíveis” (Despret, 2021, p. 45), ou seja, narrativas que não mentem, mas que cultivam realidades possíveis com os seres mais que humanos.

No entanto, mais que perguntar o que ele quer, poderíamos perguntar, o que ele pode? E essa é a questão que lançamos para uma docência em vegetalização. O que pode um currículo-planta? Por que interessa perguntar a um ser vivo que comumente é visto como não vivo? Por ser não-humano é inferior? O que pode o sentido de ser fiel à terra? (Nietzsche, 2011), ou melhor, ao mundo vegetal? Por que quero sentir com uma planta?

Em tempos marcados por colapsos ecológicos, guerras e reterritorializações violentas do viver, o currículo-planta não busca redimir a Terra como se ela estivesse arruinada e precisasse de salvação. Ele rompe com a visão de uma Terra colapsada pela ideia de final de mundo e se afina com os gestos de cuidado, com as práticas de resistência poética, com as insurgências ecoestéticas que reconhecem o planeta como um corpo ferido que ainda pulsa. Como diz Ailton Krenak (2019, p. 29), precisamos reencantar o mundo, e isso implica aprender com as águas, as árvores, os bichos e as sombras. “É abandonar a ideia de que a Terra está a serviço da humanidade”.

Um currículo-planta são modos de fazer-sentir que compõem currículos sensíveis, imanentes, abertos à vida em sua multiplicidade. O currículo, aqui, é menos uma forma e mais uma força: uma ética estética do cuidado, uma cartografia de encontros, um modo de educar que semeia mundos com as linhas de uma existência multiespécie.

Talvez tenha chegado a hora de desumanizar a natureza e naturalizar o humano (Nietzsche, 2000). A natureza é captada apenas pelas lentes antropocênicas, é dada sem razão, emoção, ou até mesmo, projetamos uma imagem de nós nela, mas quando iremos deixar as sombras do Deus do Ocidente para trás? Quem sabe a natureza não queira de modo algum imitar o homem, Nietzsche já nos avisara: o universo não se prostra aos nossos ideais.

Nas captações humanas, Deus é visto como uma entidade antropomórfica, e no verbo, na gênese, fomos feitos à sua imagem e semelhança. Contudo, nos atrai outro Deus, de Espinosa (2012), que propõe outra visão, de que ele não está além. Deus ou substância é natureza, tudo conversa e frui. O que existe é a manifestação dela, pois tudo é um. Desse modo, a planta considerada um não-humano, e eu, humana demasiada humana, seríamos uma só? Algo nos conecta? Ela me constitui? Já que todos somos a própria substância?

Fomos convocadas para falar com as plantas e, de forma mais precisa, imergir com elas. Repensar a ideia da vida vegetal como uma menos civilizada, tentar não destacar apenas o zoológico que fizemos do mundo. Essa vida outra, que foi relegada ao longo da história da filosofia, já que o homem se colocou no centro, são “apenas os artesãos mais finos de nosso cosmos” (Coccia, 2018, p. 18).

Emanuele Coccia nos convida para ouvir as plantas, contemplar o mundo pelos seus olhos, tocar o céu com suas mãos. Como é possível?

Sentir o currículo-planta, é dar voz ao sopro de vida muitas vezes dilacerada. É experimentar um outro modo de habitar, e é descobrir o que é estar-no-mundo, pois as plantas são as formadoras do mundo (Coccia, 2018),

elas produzem o sopro (pneuma), elas são os maiores exemplos de se misturar sem se perder, ser elas e, ao mesmo tempo, várias.

Os pequenos limbos verdes que povoam o planeta e capturam a energia do solo são o tecido conectivo cósmico que, há milhões de anos, permite às vidas mais diversas se entrecruzar e se misturar sem se fundir reciprocamente umas as outras (Coccia, 2018, p. 32).

Presumindo que elas são dadas como “mortas”, então “vivam os mortos porque neles vivemos” (Lispector, 1978, p. 6). Já que elas fazem o mundo, podemos com elas fazer um currículo, pintá-lo com oxigênio, experimentar outros ares, crescer em suas bordas.

Crescer para todo ser vegetal (logo, indiretamente, para todo animal, já que as plantas representam a base da rede alimentar na natureza), significa acumular cada vez mais luz em seu corpo. Devir um ser cada vez mais estelar. Assimilar-se assim ao céu, e assimilar a matéria da terra à matéria das estrelas. Olhe ao seu redor: essa árvore que você pensa ser a expressão mais terrestre da vida contém e retém em sua carne carbônica uma luz que vem de alhures (Coccia, 2022, p. 30).

Um currículo-planta nos permite perceber as conexões entre todos os seres que habitam esse planeta e o universo inteiro. Nos permite respirar. E respirar nos leva para o ponto de que se todos somos parte da mesma substância, então gozamos de uma troca recíproca: absorvemos o ar e soprados de volta. Ele é a “metafísica da mistura” (Coccia, 2018), afundado em um fluxo contínuo. Se os ideais ascéticos do ocidente tentaram estrangular um currículo até que não houvesse mais vida, o currículo-planta ressuscita. Penetrar na planta é arrancar do centro o antropocentrismo que nos assombra. É possível que o currículo seja as professoras? É possível que seja eu-planta? Não como se planta uma ideia, mas como se planta a si. Currículo que é semente que se deixa atravessar pela luz, pelo tempo, pelas águas que vêm de dentro e de fora. Que não se escreve com giz, mas com raízes que tateiam o escuro, em busca de um chão sensível onde o

aprender é também brotar. Sou um eu-planta.

Respiro com as folhas, penso com a fotossíntese, me espalho pelo ar e pelo corpo dos outros como o pólen que dança entre mundos. Na vida vegetal, como lembra, a existência não é individual: tudo em mim está em tudo, pois “As plantas transformam o mundo ao fazer dele a sua respiração. Tudo o que vive respira no que foi, primeiro, respiração vegetal” (Coccia, 2018, p. 23). É possível que o currículo seja as professoras? É possível que seja eu?

Este currículo-planta mostra que é possível. Embora na formação de professores tenha algo muito delimitado do que pode ser o currículo com e em todas as suas facetas, há um desmembramento de currículo e formação. Mas se pensarmos que estamos compartilhando o mesmo sopro, assumimos o mesmo lugar no mundo, talvez isso possibilite uma professora ser currículo. Com as plantas partilho a respiração. Sou currículo-planta-professora, e sobretudo, professora que ensina ciências, não se trata de sermos iguais, mas que compartilhamos o mesmo ar vital, as forças que nos constituem. Que espanto!

O sopro é a arte da mistura, o que permite a todo objeto se misturar ao resto das coisas, se imergir nele. A atmosfera, a esfera do sopro, seu horizonte extremo, é essa forma de intimidade e de unidade que se define não pela homogeneidade da substância ou da forma, mas pela partilha do mesmo sopro, de um ar (Coccia, 2018, p. 55).

O currículo oficial é fragmentado, suas partes são dissecadas até que surjam especialistas para ensinar, principalmente os conteúdos do Ensino de Ciências, mas as plantas mostram a arte da mistura. As plantas mergulham no mar, elas fazem fotossíntese e pintam o oxigênio na atmosfera. O mundo antes de qualquer coisa, é um jardim, nunca saímos do éden. Como cultivamos então esse jardim? Esse currículo? O que queremos plantar nele? Sarah rega sua planta e lhe conta diversas palavras-problemas, também quero cultivar uma planta, mas quero contar, criar e sentir com ela um currículo atravessado pela experimentação, além também de um currículo preocupado com o que os ditos civilizados estão fazendo

com nosso jardim, não em um sentido de culpa, mas no sentido de ser atravessado pelo sentir o encontro com essa camada verde, nos dar conta que todos somos parte desse cosmo, estamos imersos nele, deixar de lado os paradigmas da dita modernidade e cultivar mundos.

Cada espécie é o território agroecológico das outras: cada ser é o jardineiro de outras espécies, mas também o jardim de outras espécies ainda - e o que chamamos "mundo" no final das contas não é mais que uma relação de cultura recíproca. Nesse sentido, não há espaço selvagem, porque tudo é cultivado, porque estar no mundo significa jardinar outras espécies e ao mesmo tempo e com o mesmo gesto ser o objeto da sementeira das outras (Coccia, 2022, p. 49-50).

As plantas são as jardineiras do mundo (Coccia, 2018), nós, os prepotentes, talvez ainda não consigamos vê-las assim. Fomos ensinados que nós, e apenas nós, fazemos o mundo. No entanto, já vimos, elas produzem o sopro que nos interliga, o solo não é o único objeto de seu cultivo, são as maiores agricultoras do sopro.

Existe um currículo puro? Possivelmente não. Contudo, é possível existir um passível de ser experimentado, cultivado, se estamos todos e todas enovelados pela energia vegetal.

E assim seguimos para entrar em imersão em um currículo-planta, imergir, encontrar fissuras de loucura nos seus caules. Em uma viagem bio, choco-me com outros mundos. Tento desnudar minha visão antropocêntrica da fronteira entre humano e não-humano, já que esse tipo de vida convoca para a imersão nessas águas, como os peixes, as plantas os conhecem bem, do oceano e do solo, elas atingiram e criaram o mar atmosférico.

PROFESSORA QUE ENSINA CIÊNCIAS? MULTIESPÉCIES? SOU EU? BIO?

A personagem Sarah Nelson (Harrington, 2014) possui dois diários: um falso e um verdadeiro. No diário verdadeiro ela escreve palavras-problemas e loucura é uma delas. Ela acha que o gene da loucura está na sua

família, que corre por suas veias. Quando a conheci pela primeira vez, a achei muito louca, não por possuir o código da loucura, mas conversar com uma Planta, e principalmente, ser sua melhor amiga, seus maiores segredos estavam enterrados com ela.

Mal sabia que Sarah estava em uma imersão, experimentando um ser que está dentro de nós, afetando e sendo deixada ser afetada por ele, mas não se trata só disso. Lembremo-nos da respiração, é uma interação com o ambiente, movo a água e ela me move, estar imerso é confluir, agir sob o mundo e deixar ele agir em nós, quebrar barreiras entre mundos.

A imersão [...] é em primeiro lugar uma ação de compenetração recíproca entre sujeito e ambiente, corpo e espaço, vida e meio; uma impossibilidade de os distinguir física e espacialmente: para que haja imersão, sujeito e ambiente devem se interpenetrar ativamente, caso contrário, falaríamos simplesmente de justaposição ou de contiguidade entre dois corpos que se tocam em suas extremidades (Coccia, 2018, p. 41).

Apenas por simplesmente existirem, as plantas moldam o cosmo. Assim, quero estar-no-mundo, fazer um currículo-planta, ser uma professora-vegetal, e mais, uma professora que ensina ciências e que é bio, em processo de escrita narrativa autobiográfica. Porosa. Permeável.

Anna Tsing nos aponta que "os humanos moldam mundos multiespécies quando nossos arranjos de vida abrem espaço para outras espécies" (Tsing, 2022, p. 67). Assim, sempre quis penetrar profundamente nas coisas, e com o mundo vegetal, parece que isso é possível. Quem melhor que aquele que é distinto de mim, para fazer sentir um outro modo de vida? O vento me levou para uma imersão para experimentar um corpo-natureza no meio da Amazônia, embora não seja apenas questão de presença física ou consciente, mas também de conexão interpenetrante, justamente como o oxigênio produzido pelas plantas em florestas do outro lado do mundo, já estava imersa sem precisar voar.

Estar-no-mundo significa necessariamente fazer um mundo: toda atividade dos seres vivos é um ato de design na carne viva do mundo. E, inversamente, para construir o mundo, não há nenhuma necessidade de fabricar um objeto diferente de si (derramando matéria fora de sua pele) nem de perceber, de reconhecer, de visar direta e conscientemente uma porção do mundo e querer mudá-lo. A imersão é uma relação mais profunda que a ação e a consciência – que a práxis e o pensamento (Coccia, 2018, p. 43).

A Amazônia já estava em mim e eu nela, plantas já me habitavam, currículos me habitam, habito currículos. De todo modo, eu que sempre me sentia morta, fui levada por esse sopro que me fez sentir viva. Ali, no meio da mata, circundada por verdes, respirei a energia solar. Pude me perceber biológica, orgânica, totipotente. Uma mulher professora materializada num currículo amazônico inventado. Num currículo de ciências que se inventa a partir do encontro. Uma professora que ensina ciências com todas as espécies em comunhão. Uma docência-tudo. Em cosmovisão.

O encontro com outros corpos brotou modos de sentir a formação, à docência e a vida, mobilizando outras formas de constituição na educação, inclusive a ideia de uma pesquisa e escrita autobiográfica. A pergunta: não preciso ser neutra? Não faço mais.

Sarah escreve no seu diário falso apenas coisas que não vem de sua bile, em contrapartida, no verdadeiro, ela escreve com sangue. Escrever com sangue, como as plantas escrevem com seiva no mundo, mas não qualquer sangue, com o líquido que produz de dentro das próprias veias, isto é, sangue próprio.

Por tempos, pesquisadores foram proibidos de escrever com sangue em nome da neutralidade científica. No entanto, na década de 1980 explodiram as pesquisas autobiográficas no campo da formação docente, que tinham como principal premissa levar os professores a uma descoberta do que constitui sua docência para transformar suas práticas pedagógicas. A busca essencialista de um “eu docente” (Chaves, 2018), estável, fixo, pronto e acabado, nos desafia como se precisássemos

nos encaixar em um modelo pré-definido de um modo de ser professor. Algo precisa ser ajustado e corrigido, portanto, devemos seguir o que foi imposto no modo de professorar. Se não agimos, pensamos e fazemos como aquele outro, estamos errados? O bom professor de ciências é o que leva os estudantes para o laboratório?

Alugo-me de uma autobiografia que não busca uma verdade, que se joga na água e flui, que escreve com sangue, pois “De tudo escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue. Escreve com sangue: e verás que sangue é espírito” (Nietzsche, 2011, p. 38). Autobiografia viva, banhada de sangue, uma água viva, fluxo constante de imersão, logo “Não vou ser autobiográfica. Quero ser bio” (Lispector, 1999, p. 23). Uma vida que não é apenas minha, pois sou feita de muitos, sou feita de plantas, rios, terra, flores, multidões que me habitam, currículo-vivo, para escrever tenho que ter vida. Mas como, se eu me sentia um currículo morto, anêmico, doente? Não me sentia soberana para falar das ciências naturais, esse papel era dos professores de jaleco.

Porém, sou professora que ensina ciências, embora estivesse perdida de mim, morta em mim mesma. Com os vegetais aprendi a passar por fotossínteses, ter mais oxigênio, gerar mundos e viver um currículo-planta, mais do que me vestir de mim mesma porque “Às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espantome com o meu encontro” (Lispector, 2017, p. 58), quero me espantar e caminhar para ser uma professora-currículo-bio, suscetível a esverdear mundos outros.

Pausa. Ciência. Arte. Imersão. Respiro. Criação.

CONVERSAS COM UM CURRÍCULO-PLANTA

Imersas no mato, água, terra, bichos, estrelas, plantas, assim fui parindo um currículo-planta por meio de um corpo-natureza na Amazônia. Conversar com ele ainda é difícil, fazê-lo brotar

de minhas entranhas, mas algo me disse que era possível articular um currículo com estes seres, por muitas vezes fragmentado de nós devido ao processo civilizatório. Uma convocação primitiva, dada por Coccia (2018), para romper com a dissociação homem e natureza, e talvez, abraçar a ancestralidade em nós.

Adentrar a mata em coletivo, feito matilha de corpos em comunhão com um espaço ancestral. Micromundos camuflados no verde das folhas. Cheiro de chuva. Peles úmidas num farfalhar de passos na serapilheira. Reverências silenciosas a todos os seres que nos sentiam ali. Gentes em desejo pulsante de estar junto. No Centro de Treinamento Agroecológico do Museu da Amazônia, encontramos-nos em terra-corpo

na pesquisa-criação. Como a vivência imersiva na floresta nos amálgama em processos de criação artística que é pesquisa em educação, e que é arte, e que é ciência?

Respiros. Rasgar-se e viver em radículas, desfolhar-se em teias de aranhas, fluxos de interações, sentir-se planta.

Dentro dessas fruições aquáticas, o currículo-planta também se torna um processo de criação artística e encarna-se em meio a tintas, pincéis e vegetais, fertilizando uma conversa plasmática com clorofila vermelha, ou seja, viva. Um receptáculo carnívoro que nos une em conversas rizomáticas entre afetos, literaturas, músicas e composições multiespécies.



Figura 1 - Colagem digital em Imersões Radiculares.
Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).



Figura 2 - Germinações.
Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).

Essa conversa nos leva a invocar um estado de mulher-homem-bicho,² maceramos um currículo que brota com o lampejo do sol, fotossíntese pura, *it* puro, como já dizia Clarice (1999). Se somos multiespécies, currículo-planta somos nós? Existe uma docência-viva sem um currículo-planta? Como será um currículo-amazônida? É composto por apenas natureza ou por fruições de *gentesbichosartes* e muito mais que se emaranham em fios vivos?

De nossas composições (*conversas*) germinam muitas constituições, sonhamos com um mundo-curriculo possível cultivado por processos autotróficos na educação em ciências. Qual é a melhor maneira de adiar o fim do mundo? Como podemos aprender a adiar o fim do mundo com um currículo-planta? O que ele nos ensina?

Em meio às andanças em trilhas em busca de um olho d'água de um igarapé entrávamos pela mata e respirávamos vegetais: vidas em porosidades transpiradas. Fluxos. Inspirações em vísceras originárias. VIDAS, vidas outras, vidas novas, vidas velhas... "o sopro é a arte da mistura, o que permite a todo objeto se

misturar ao resto das coisas, se imergir nele" (Coccia, 2018, p. 55). As plantas nos ensinam essa arte de imersão.

Enquanto vivenciamos um mundo em ruínas, as plantas continuam a se nutrir na mais baixa centelha de sua existência, da Terra ao cosmo elas se ruderizam para criar vidas.



Figura 3 - Xilemas em Florescimentos.
Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).

O contato com as plantas de forma primordial, de morta-viva, transformou-nos em corpo repleto de energia, pois "transformam tudo o que tocam em vida" (Coccia, 2018, p. 15). Falecidos por um currículo que preza a eficiência, a utilidade das coisas e apenas a vida *humana demasiada humana*, é hora de dar à luz a um currículo composto pelas multiplicidades que habitam nosso universo. O que temos a aprender com elas? A arte de criar vidas, fazedoras de vidas em composições multiespécies!

Um currículo-vegetal, isto é, o parto do "it" (Lispector, 1999), matéria-prima, matéria-pura, não no sentido essencialista de pureza, mas de que somos compostos desse mesmo

it, “fomos modelados e sobrou muita matéria-prima - it - e formaram-se então os bichos” (Lispector, 1999, p. 38), professora, planta e água se misturam, se encapsulam na mata, se encantam uma na outra.

Muitas vezes o currículo pode nos encapsular em dogmas, tirando a multiplicidade dele, apenas um modo de vida pode ser gerado. Porém, algo escapa, o parto do *it* é o que nos transforma, nascemos, não como outro, mas em devir, currículo-planta sabe bem disso, é interpenetração, não cópia. O currículo-planta me disse que nasço, morro, renasço nunca o mesmo, mas outro que desconheço.

Afogo-me em um olho d’água, gritos da chuva deixam meus poros surdos, diriam que estava louca, no entanto, estava orgânica, caminhando com flores, ouvindo o corpo-sonoridade da mata. Lúcida, “Terrivelmente lúcida e parece que alcanço um plano mais alto de humanidade. Ou da desumanidade - o *it*” (Lispector, 1999, p. 36).

Currículo-*it*, desumano, que se gera, autotrófico, exposto aos raios solares, bebendo da fonte da vida, deslizando na terra e tendo como apoio os galhos de suas amigas, as plantas. Após rasgar-se de seu encapsulamento, e boiando na água, esse currículo morreu e renasceu, foi levado para sua autoconstituição, ele se animalizou e *vegetou*, atingiu outros cantos de sua docência. Amalgamou-se ao instante, já que “Há que respeitar-lhe a natureza - eu é que me animalizo. Não é difícil e vem simplesmente. É só não lutar contra e é só entregar-se” (Lispector, 1999, p. 32).

A partir das andanças em vegetalização, nas quais passamos a reparar em outros seres e movimentos, fomos convocados a criar um verbo. Forma nominal no infinitivo. E deste encontro nasceram manifestações de florestar e trepaderizar e... e... e... Enlaces, entrelaces e estrangulações em lianas - cipós - que se inauguram em solos e como trepadeiras lenhosas se permitem crescer em meio a tantos até sua subida ao dossel da floresta.

O que pode a pisada estando semente, cipó, em terra germinativa?

Pode, entre inúmeras possibilidades, “a dança do devir-com, que consiste em nos tornarmos mutuamente disponíveis” (Haraway, 2022, p. 36).

Passamos a olhar para os rastros que são deixados por onde se passa, para criamos possibilidades junto a natureza e imaginação de um mundo outro. Produzimos convocatórias de deixarmos marcas efêmeras, da relação com a mata, e a pensar como esse elemento pode estabelecer uma satisfação estética conceitual. Dizer e fazer sobre algo que não é habitual.

Pensar nas marcas em composições com a floresta, em modo vegetação de existir.

Florestar-se!

Trepaderizar-se!

Em nenhum momento pestanejou, virou uma planta crianceira, nasceu nos lugares mais improváveis, se fez ruderal para habitar mundos possíveis em que é expulso pelas mãos humanas, pôde passar por sua autoformação. Perturbou a paisagem da cidade, esverdeou frestas de muros, calçadas, o “micro”, circundou pelo mundo, deu sua seiva para mover-se “Geograficamente por espaços ainda não habitados para experimentar educar, viver, sonhar, criar eticamente, politicamente e esteticamente comprometido com a diferença” (Paraíso, 2023, p.123). Brotar nestes espaços não é individual, é ato de criação coletivo.

Quem melhor que um currículo-planta para fazer o oficial gaguejar? Um outro modo de sentir a docência, quebrar os roteiros, perder a *razão*, ser um currículo com raízes, mas fluído, cheio de caules, com claros sinais de loucura.

DEBULHOS SEIVANTES

Ao entrar em imersão junto às plantas, o currículo é instigado a inventar um outro modo de estar-no-mundo, debulhando sobre as camadas de controle e normatização que o currículo *oficial* impõe, somos soprados por ventanias que nos desdobram em pensamentos curriculares em seivas. Em vez de ver as plantas como meros elementos do

ambiente, somos chamados a reconhecê-las como nós, não separando a conexão entre o humano e o não-humano.

Descolar do humano em hibridização com folhas, líquens e fungos. Perceber ranhuras na cobertura vegetal por entre mordidas de lagartas, ovos de insetos, emaranhados de galhas foliares que abrigam ácaros. Tanta vida em abundância, em milímetros invisíveis aos nossos olhos. Estar ali, em floresta, sabendo-se com tantos outros.

Fabricações florestais. Exercício de escrita de si enquanto [arte]sanal. De que modos inventar vidas mais alinhadas ao devir e a clandestinidade dos territórios do delírio? Vidas em verbos: Vegetar. Florestar. Folhar.

Ter a floresta como laboratório de educações amazônicas, em amálgama com a criação, com a arte e com todas as formas de vida. Pesquisas em brotos que tudo podem com a força da germinação. Enverdeamentos metodológicos a partir do encontro, do que acontece, do que se produz em coletivo, em aberturas, em experimentação.

Floresteios de investigação em frestas, em pausas, em respiração profunda que nos permite sentir nossos corpos em diálogo com a mata, com o igarapé, com o solo, com o ar.

Em porosidades.

Em imersões.

Assim, surge um currículo-planta: vivo, interativo e respiração contínua entre todos os seres. Ao nos permitirmos sentir e falar em nome próprio, abrimos espaço para um ensino mais humano e em sintonia com o mundo ao nosso redor. O currículo-planta é esse gesto de habitar. Habitar emaranhado, multiespécie, em que aprender não é acumular saberes, mas compor atmosferas de vida.

Que possamos, portanto, debulhar um espaço educacional onde o sopro da vida floresça, permitindo que folhas e ideias se entrelacem em um fluxo transformador. Ao despersonalizar-se para estreitar laços com outras espécies que nos cercam, permitindo que, junto, possamos crescer e reinventar

educações em suas formas mais plurais e vibrantes.

Em tempos de colapsos, de desertos alastrando-se, um currículo que se planta quer apenas isso: manter a germinação possível.

Que refaz o mundo com a arte do musgo, com sombra, com delicadeza.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CHAVES, Silvia Nogueira. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (org.) **Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metáfora da mistura**. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COCCIA, Emanuele. **O semeador da natureza contemporânea**. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2022.

CORAZZA, Sandra Maria. **O que quer um currículo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CORAZZA, Sandra Mara. Currículo da diferença: somos transmissores de vida. Conferência no I Simpósio Internacional. Diálogos na Contemporaneidade: vertigens do tempo. **Anais I Seminário Nacional de Educação Básica**. Centro de Ciências Humanas e Jurídicas da UNIVATES. Lajeado, RS, 18 set. 2008.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de

Peter Pál Pelbart. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DESPRET, Vinciane. **Habitar como um pássaro:** Fabulações científicas. Tradução de Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Ubu, 2021.

ESPINOSA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar.** Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

GALLO, Silvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Diálogos Cotidianos.** 1. ed. Petrópolis: DP et alii, 2010.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram.** Tradução de Juliana Fausto. 1 ed. São Paulo: Ubu, 2022.

HARRINGTON, Karen. **Claros sinais de loucura.** 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (Pulsações).** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

MANCUSO, Stefano. **A incrível viagem das plantas.** Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência.** Tradução de Alfredo Margarido. 6. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** Tradução de Paulo César de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: Uma polêmica.** 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves Paraíso (org). **Pesquisas sobre currículos e culturas:** temas, embates, problemas e possibilidades. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos:** teorias e políticas. São Paulo: Contexto, 2023.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SILVA, Tomas Tadeu da. Identidade e diferença: Impertinências. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, ago. 2002.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo:** sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

Notas

¹ O presente artigo integra pesquisas desenvolvidas com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), projeto de pesquisa Universal CNPq/MCTI/FNDCT nº 44/2024 - Faixa A (Processo nº 405060/2025-4) e à Chamada Pública MCTI/CNPq nº 03/2025 - PRÓ-AMAZÔNIA.

² Escrevemos em primeira pessoa na compreensão de uma constituição docente uníssona, uma vez que as narrativas perpassam as histórias de vida de cada uma das autoras.

³ Aqui fazemos uma referência à música *Mulher Homem Bicho*, de Ana Frango Elétrico.

SOBRE AS AUTORAS

Natalia Francisca Pereira Franco é mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e licenciada em Pedagogia pela mesma universidade. Integra o grupo de pesquisa *Vidar em In-Tensões*. Dedicar-se a pesquisas inspiradas pela Filosofia da Diferença, pensando junto a corpos, plantas, rios, florestas e seres mais-que-humanos. Seus interesses incluem percepções e subjetividades de gênero, Antropoceno e mudanças climáticas, formação docente em Ciências e novos modos de habitar a docência. ORCID: <<http://orcid.org/0009-0002-1347-9383>>. E-mail: nfpf.mca24@uea.edu.br

Caroline Barroncas de Oliveira é professora adjunta da Licenciatura em Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutora em Educação em Ciências e Matemática (REAMEC/UFMT/UFPA/UEA) e mestra em Ensino de Ciências (UEA). É vice-líder do grupo de pesquisa *Vidar em In-Tensões*. Pesquisa formação docente, currículo, subjetivação e narrativas (auto)biográficas. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0001-8430-2855>>. E-mail: cboliveira@uea.edu.br

Mônica de Oliveira Costa é professora associada da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), atuando no curso de Licenciatura em Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC). Líder do Grupo de Pesquisa *Vidar em In-tensões* (UEA/CNPq). Doutora em Educação em Ciências e Matemática (REAMEC), mestra em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEA), possui especialização em Psicopedagogia. Pesquisa currículo, estágio, formação de professores e Amazônia na perspectiva pós-estruturalista, mobilizando discussões pós-estruturalistas na formação docente e no ensino de Ciências. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0003-3771-3955>>. E-mail: mdcosta@uea.edu.br

Recebido em: 30/4/2025

Aprovado em: 7/10/2025